

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE HISTÓRIA**

***O PIANISTA (2002) E O MENINO DO PIJAMA LISTRADO (2008):
Representações e Concepções Sobre o Nazismo (1939 – 1945)***

WEDER DE OLIVEIRA LIMA

ORIENTADORA: PROF^a. Ma. ROBERTA DO CARMO RIBEIRO

**PIRES DO RIO-GO
2017**

WEDER DE OLIVEIRA LIMA

***O PIANISTA (2002) E O MENINO DO PIJAMA LISTRADO (2008):
Representações e Concepções Sobre o Nazismo (1934 – 1940)***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da UEG/Câmpus Pires do Rio-Go, sob orientação da Professora Mestra Roberta do Carmo Ribeiro como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em História.

**PIRES DO RIO-GO
2017**

WEDER DE OLIVEIRA LIMA

O PIANISTA (2002) E O MENINO DO PIJAMA LISTRADO (2008):
Representações e Concepções Sobre o Nazismo (1934 – 1940)

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. M.^a. Roberta do Carmo Ribeiro (Orientadora)
UEG/Pires do Rio

Prof. M.e. Rubislei Sabino da Silva (Examinador)
UEG/Pires do Rio

Prof.^a. M.^a. Liberalina Teodoro de Rezende (Examinadora)
UEG/Pires do Rio

Resultado: -----

Pires do Rio: -----

LISTA DE SIGLAS

SS – Um termo alemão que significa “esquadilha de proteção”, em português.....28

KGB – Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti cujo significado em português é Comité de Segurança do Estado29

As pessoas às quais considero extremamente especiais e que estiveram presentes em toda minha vida, principalmente durante a realização do curso de História, me incentivando a não desistir e conquistar mais uma vitória em minha vida. Destacando-se nesse processo a minha família, amigos, pelo apoio. Aos professores do curso pela competência profissional e a UEG por proporcionar uma graduação de qualidade aos seus educandos acadêmicos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da inteligência e sabedoria, onde possibilitou-me conquistar os objetivos propostos em cada etapa deste curso. Posso afirmar ainda que suas bênçãos engrandeceram-me a cada amanhecer ao ver tudo o que realizei com fé e determinação.

“O Mundo não será destruído por aqueles que fazem o mal, mas por aqueles que olham e não fazem nada”

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a análise dos filmes “O Menino do Pijama Listrado (2002) e O Pianista (2008)” no contexto da segunda Guerra Mundial (1934-1945), marcada pelo holocausto, isto é, perseguição e extermínio dos judeus, eslavos, ciganos e homossexuais, como mostra as cenas dos filmes citados anteriormente. Para que se tornasse possível a realização deste estudo, fez-se necessário conhecer sobre a história no cinema, compreendendo a importância dos filmes para entender o processo histórico, ou seja, acontecimentos de determinada época como é o caso do Nazismo e suas consequências mundiais. Nesse contexto, observa-se que por meio do cinema os telespectadores podem ter acesso a fatos ocorridos no passado de forma atrativa, refletindo sobre cada detalhe do filme relacionando-os com as leituras bibliográficas acerca do assunto de forma crítica a fim de conhecer como tudo aconteceu.

Palavras Chave: Nazismo, Judeus, Cinema na História, Holocausto.

INTRODUÇÃO	10
1 O NAZISMO NO CINEMA	12
1.1 Nazismo e Narrativa Biográfica	12
1.2 Nazismo e Narrativa Ficcional	16
2 ARTE E INOCÊNCIA EM TEMPOS DE CRISE	19
2.1 <i>O Pianista</i> (2002) e <i>O Menino do Pijama Listrado</i> (2008): O Nazismo a Partir do Ponto de Vista de Uma Criança	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
LISTA DE FONTES	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu desde o ensino médio a partir de um trabalho que fizemos no terceiro ano do ensino médio com a professora Débora no colégio Estadual Maria Benedita Velozo em Orizona, fizemos um seminário onde cada grupo explicaria um determinado fato e meu grupo ficou com o Nazismo, com esse trabalho aprendi vários fatos sobre o nazismo que até então eu não tinha muito conhecimento e com isso despertando cada vez mais meu interesse pelo tema, na verdade sempre gostei de temas relacionados à História, tanto é que este foi um dos motivos que me levou a fazer o curso de história.

Esta pesquisa tem como tema os filmes *O Pianista* (2002) e *O menino do Pijama Listrado* (2008): Representações e Concepções sobre o Nazismo. O principal objetivo é conhecer e analisar os filmes citados a partir de uma perspectiva histórica, buscando entender fatos relacionados ao nazismo e conseqüentemente ao holocausto, no qual não só judeus, mas ciganos, eslavos, inimigos políticos e homossexuais sofreram perseguições e torturas durante o governo de Adolf Hitler.

Para a realização deste trabalho foram feitas leituras e releituras acerca da história e cinema, nazismo (políticas, cultura e holocausto) bem como análise fílmica. Dessa forma, o primeiro capítulo trata-se de uma discussão sobre o nazismo no cinema, isto é, como se deu a história do cinema desde sua fundação bem como a relação entre ambos, visto que o cinema foi e continua sendo um dos grandes meios de divulgação de toda história do nazismo com pontos positivos e negativos da mesma, discutindo ainda a narrativa biográfica e narrativa ficcional.

O segundo capítulo pretende analisar historicamente os filmes *O Menino do Pijama Listrado* (2008) e em seguida *O Pianista* (2002), os quais retratam de forma a perseguição e extermínio dos alemães contra os judeus, não considerados raça pura, ou raça ariana como eram definidos.

O Menino do Pijama Listrado (2008) conta a história de duas crianças, Bruno e Shimuel que não tinham noção do que era o holocausto. Bruno era filho de um soldado que recebeu em cargo importante, e a partir de então mudou-se para uma região campestre perto de Berlin e passou a morar próximo a um campo de concentração. Nesse lugar Bruno conhece Shimuel, os meninos passam a conversar e brincar através da cerca, porque Shimuel era um dos prisioneiros do campo de concentração. Bruno curioso para

saber como era o local veste um pijama e cava um buraco por baixo da cerca, entre e é levado para câmara de gás como os judeus.

O filme “O pianista” relata a história de um judeu que era pianista e sofreu várias perseguições, humilhações, e que consegue se salvar, escapa de um campo de concentração e, mesmo sozinho, segue sua vida com as lembranças do passado, isto é, da família, das torturas sofridas no Campo de Concentração e usa o piano como forma de amenizar os sofrimentos do passado. Descrito na introdução para melhor compreensão do tema abordado nesta pesquisa.

Para que este estudo fosse possível tornou-se necessário, ter como fonte metodológica a análise fílmica (O Menino do Pijama Listrado lançado em 2008 na Alemanha e O Pianista, lançado em 2002 na Polônia), os quais foram assistidos diversas vezes para uma análise mais eficaz e melhor compreensão do estudo referente a concepção nazista (1939-1945), com base nos pressupostos de D’Alessio et al (2004), Rosenstone (2010), FERRO (2010) dentre outros autores de suma relevância para a discussão desta pesquisa. Pois acredita-se que o holocausto é um assunto ainda desconhecido por muitas pessoas, apesar de ter sido um momento marcante na época devido ao excesso de acontecimentos.

1 O NAZISMO NO CINEMA

Este capítulo tem por objetivo discutir a historicidade de alguns fatos ocorridos durante o período entre guerras, com enfoque para o nazismo. Trataremos o nazismo a partir da representação presente nos filmes *O Pianista* (2002) e *O Menino do Pijama Listrado* (2008) na linguagem biográfica e ficcional.

1.1 Nazismo e Narrativa Biográfica

É necessário compreender o nazismo a partir do extenso período da segunda guerra Mundial, pois o nazismo não teria existido sem o povo alemão e sua história, uma vez que nesse período (1934 – 1942) a realização de práticas políticas envolveram não só os líderes, mas também grande parcela da sociedade que os apoiou.

Nesse contexto a partir de 1940, os alemães começaram a construir instalações que serviam como campo de concentração e extermínio de inimigos e também das classes que eram consideradas como minorias, sendo que esses campos foram construídos em terras polonesas ocupadas pelos alemães. Os campos de concentração de Aushwits, eram os mais “organizados” e com isso se tornaram símbolo do holocausto, uma das maiores práticas ocorridas nesses campos de concentração, além das torturas, eram a questão do trabalho forçado (escravo).

Torna-se relevante mencionar que o sistema de segurança nesses locais era extremamente organizado. O número de vítimas que conseguiam fugir desses campos era bem pequeno em relação ao número de pessoas que foram mortas. Nesse período morreram milhões de pessoas consideradas inferiores.

As pessoas chegavam aos campos de concentração em trens de ferro. Os vagões eram superlotados, sem água, comida e condições precárias de higiene. Após desembarcarem, os prisioneiros tinham seus bens confiscados e também passavam por uma forma de seleção, em que os mais fortes eram levados para a área de trabalho forçado e os mais fracos que correspondiam a maioria, eram levados direto para as câmaras de gás. Como tal fato ainda é desconhecido por muitos, torna-se relevante descrever de forma detalhada o que ocorre nessa câmara de gás, relatando que a fumaça que saía durante a cremação dos corpos era muito forte gerando um mal cheiro extremo.

Após a cremação, as cinzas eram recolhidas e utilizadas como adubo nas plantações. Uma das formas de torturas mais marcantes é em relação a medicina, em que os prisioneiros eram infectados com doenças contagiosas. As mulheres grávidas por exemplo tiveram seus úteros destruídos, eles também injetavam produtos químicos no olho das crianças com o objetivo de mudar a cor dos olhos. Após a cremação eles retiravam os dentes de ouro das pessoas, para derreter e com isso eles produziam vários quilos de ouro por dia. De acordo com Rosenstone (2010), “as pessoas nunca pararam meramente de representar o holocausto em várias formas de expressão, não apenas poesias, mas em romances, memórias e ensaios, museus, instalações, obras arquitetônicas, pinturas, peças e oratórios”. (ROSENSTONE, 2010, p.198)

Mesmo o holocausto ter sido um tema bem marcante atualmente ele não é muito discutido, como deveria ser, afinal hoje em dia muitas crianças quando vêem algo sobre o holocausto não sabem o real significado daquele determinado fato, devido a essa falta de informação.

Muitas crianças vêem filme sobre o Holocausto, pensam estar vendo um filme qualquer. Por isso é muito importante destacar a valorização (divulgação) do holocausto para a atualidade para que esse acontecimento seja sempre lembrado, e a melhor forma é através dos filmes.

Atualmente existem vários meios de expressar o holocausto, por exemplo através de poesias, ensaios, memórias, museus e pinturas, mas mesmo com todos esses recursos ele ainda é pouco representado, pelo fato de se tratar de um tema com cenas bem fortes.

Vários momentos em que o nazismo é representado nos filmes, na maioria delas ele não é como deveria, ou seja, muitos fatos ficam ocultos, como imagens e cenas, na visão de Rosenstone (2010). Abordar o holocausto nos filmes é uma tarefa intimidadora como e quais filmes escolher e analisar? A filmografia é enorme, oferecendo muitas opções de análise e compreensão. Percebe-se que através dos filmes pode-se perceber, analisar a história (holocausto) como se estivéssemos participando do momento afinal ele nos passa emoção, angústia, felicidade, desespero, sofrimento, outro recurso que nos faz sentir a emoção do momento são os sons.

Os filmes só passaram a ser utilizados como fonte a partir de 1960, quando o cinema passa por algumas mudanças, devido ao movimento dos anales,¹ nesse período

¹ Movimento historiográfico surgido na França durante a primeira metade do século XX, permitindo maior conhecimento do cotidiano do passado. (BURKE, 1997, p. 79)

também crescem o número de historiadores interessados na utilização dos filmes como fonte. Por meio dos filmes podemos pensar e/ou visitar acontecimentos de um determinado período, por exemplo, o nazismo, que ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com Ferro (2010), “entre cinema e história as interferências são múltiplas devido a confluência entre a história compreendida como relação do nosso tempo como explicação do devir das sociedades” (FERRO, 2010, p.15).

Por meio dos filmes pode-se analisar diversos aspectos por ele apresentado. Os detalhes observados durante a exibição do mesmo é bem interessante. Pois a primeira vez que você assiste a um filme não é possível perceber todos os detalhes, mas já a partir da segunda vez outros detalhes vão sendo notados, como por exemplo, um gesto ou uma gravura. De acordo Vanoye e Goliot-Lete (1994):

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisar por exemplo a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar matérias que não se percebem isoladamente “a olho nu”. Pois se é tomado pela totalidade (GOLIOT-LETE, 1994, p.15).

O filme possibilita resgatar acontecimentos do passado, mas nunca da mesma forma como ocorreu, ou seja, os fatos são reconstruídos. Na História não existem fórmulas como nas outras ciências, o que existe são fontes. Sendo assim torna-se complexa a totalidade da verdade sobre um determinado fato.

Para alguns autores o cinema é considerado arte, e para outros uma forma de diversão, entretenimento. De acordo com Lagny (2009) “o cinema permaneceu por muito tempo um divertimento popular e tem afinidades muito fortes com outras formas de espetáculo desse gênero” (LAGNY, 2009, p. 125).

Até o início do século XX o cinema ainda não era considerado arte, pois no início estes eram retratados por simples movimentos de imagens em uma máquina, com o passar do tempo as técnicas do cinema foi se desenvolvido cada vez mais. Os filmes históricos tiveram grande destaque na história do cinema. De acordo com Mocellin (2002):

O cinema assim como o teatro e a ficção, inspira e diverte. Frequentemente, ensina verdades importantes sobre a condição humana. Mas não substitui a história que tenha sido escrita penosamente a partir das melhores análises e evidências disponíveis (MOCELLIN, *apud* CARNES, 1997, p. 10).

Os nazistas foram os primeiros a privilegiarem os filmes, principalmente como instrumento de propaganda e com isso herdaram uma tradição cinematográfica altamente qualificada. Em doze anos de domínio nazista, de acordo com Mocellin (2002) foram produzidos 1350 longas-metragens, a maioria divulgando teses racistas, exaltando o regime, o patriotismo e a xenofobia.

Alguns destes filmes retratavam cenas fortes como mortes, assassinatos, e violência sexual. Durante o holocausto várias pessoas que não se encaixavam nos padrões exigidos por Adolf Hitler sofreram perseguições e torturas. Entre essas pessoas estavam ciganos, eslavos, inimigos políticos, homossexuais e judeus. O que importava para Hitler era uma raça pura, ou seja, ariana, que era uma raça constituída apenas por indivíduos altos, fortes, claros e inteligentes, vale lembrar que nesse período foram construídos vários campos de concentração como, por exemplo, na Polônia devido a grande quantidade de judeus. Nesses campos de concentração havia divisões.

O lugar dos trabalhos forçados de execuções e também, o local onde eram realizados experimentos biológicos com as pessoas. Nesse aspecto Zotesso (2011) ressalta que “o holocausto foi um cenário de terror e que até hoje gera diferentes opiniões tanto por parte daqueles que aceitam e reconhecem que o momento foi de total covardia dos alemães pelas condições impostas aos judeus como daqueles que negam o momento” (ZOTESSO, 2011, p. 28).

Podemos dizer que o cinema tornou-se uma arte dominante. Em muitos países o mesmo teve um forte controle estatal, por exemplo, na Alemanha, Itália e Cuba. Desse modo, durante a Segunda Guerra Mundial o cinema foi bastante utilizado como arma de propaganda política. Nesse período também houve casos de censura. A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 a 1945, envolvendo a maioria das nações do mundo, incluindo todas as grandes potências organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo. Foi a guerra mais abrangente da história com mais de 100 milhões de militares mobilizados. De acordo com Rosenstone (2010), queremos que o nosso profundo interesse e cuidado com o passado seja expresso em formas agradáveis tanto para uma sensibilidade contemporânea, quanto para sistemas intelectuais consoantes com a nossa própria era (ROSENSTONE, 2010, p. 16).

Conhecer tais fatos nos faz compreender quais fatores levaram a acontecer a Segunda Guerra Mundial e como o nazismo tornou-se uma política tão organizada e ao mesmo tempo temida por muitos.

1.2 Nazismo e Narrativa Ficcional

Os primeiros filmes históricos dramáticos (com cenas tensas) não eram concebidos como investigações sérias, em relação a seu contexto histórico, devido ao fato de serem momentos breves, sendo que na maioria das vezes eram encenações teatrais, porém, com o passar dos anos essas encenações foram se tornando mais longas, ou seja com mais “conteúdos”, relacionando os filmes aos fatos históricos, no início os historiadores quase não se interessavam por essas narrativas, porque na maioria das vezes eles “tentavam” explicar o passado (acontecimentos e momentos) por meio de romances “dramas da época”, desta forma fugindo do fato histórico em si, ou seja das narrativas referentes ao holocausto por exemplo. Nesse período praticamente todas as cinematografias adotaram esse modelo e que em alguns casos sobrevive até os dias de hoje, como ressalta Rosenstone (2010):

Mudar a mídia da história da página para a tela, acrescentar imagens, som, cor, movimento e drama é alternar a maneira como lemos, vemos, percebemos e pensamos a respeito do passado. Todos esses elementos fazem parte de uma prática para a qual ainda não temos um rótulo decente (ROSENSTONE, 2010, p. 239).

A maioria dos filmes que representam o holocausto foi produzida nos Estados Unidos e na Alemanha. Por meio das narrativas podemos reproduzir vários fatos, por meio dos vestígios fazendo uma interpretação de determinado acontecimento. Os historiadores e/ou cineastas sempre voltam ao passado em busca de temas e acontecimentos para realizarem seus trabalhos e produções.

Porém a história feita pelos cineastas é bem diferente da história construída por um historiador. Essa construção do passado por meio dos filmes é bem diferente do mundo histórico escrito, em termos de conteúdo informativo, densidade intelectual ou revelações teóricas.

Por outro lado, a história vista a partir de um filme também transmite pouco conhecimento por meio das imagens e seus movimentos. Esses pontos são desconhecidos nas páginas impressas ou nos livros. De acordo com Rosenstone (2010) “a despeito da perspectiva que assumimos temos de admitir que os filmes nos proporcionam um novo tipo de história, que talvez possamos chamar de história como visão” (ROSENSTONE, 2010, p. 233).

A representação é o reflexo do que já aconteceu, ou seja, uma reconstrução que envolve processos de percepção, identificação, reconhecimentos, classificação, legitimação e exclusão. Quando um filme vai representar um determinado contexto histórico, nem todos os detalhes daquele período serão apresentados. O filme é um objeto de valor a ser vendido, ou seja, durante a produção do filme são feitas escolhas dos elementos a serem destacados. Durante a análise de um filme podem ser feitas diferentes interpretações de um mesmo objeto ou até mesmo de um acontecimento. Portanto, o filme nos oferece um acesso a aspectos do passado que outras fontes dificilmente poderiam alcançar.

O cinema tem um forte poder de manipulação por meio dos símbolos em relação a Hitler como, por exemplo, salvador da Alemanha, ou seja, a “criação” de um líder. De acordo com Pereira (2012), Hitler foi retratado como um homem que havia sacrificado a si mesmo em benefício da nação – um homem de gosto simples, que vestia um uniforme simples, comia refeições simples e trabalhava até bem tarde da noite, simbolicamente pela nação (PEREIRA, 2012, p. 250).

Durante a análise de um filme as pessoas podem ter várias opiniões e percepções, da mesma forma acontece quando se observa uma imagem por exemplo. Ou seja, devemos ter vários olhares e perguntas variadas, por exemplo, do modo como as pessoas estão vestindo, o porquê de uma determinada música ou som estar passando no filme, qual a influência ela tem dentre outros.

O filme enquanto fonte/documento possui elementos de análise importantes para o historiador. Ele é capaz de apresentar imagem e o som ao mesmo tempo. A representação não é uma cópia do real, e sim uma nova leitura, uma reconstrução do que já aconteceu. Por meio da representação o historiador busca a construção do real, ou seja, reconstruir um fato do qual ele não participou por meio de registros (fontes). Segundo Pesavento (2003):

A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é de ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele (PESAVENTO, 2003, p. 41).

Um determinado fato histórico que aconteceu, pode ter várias versões diferentes, afinal cada pessoa tem uma forma de narrar o acontecimento. Portanto a História é uma construção da experiência dos fatos passados. De acordo com Pesavento

(2003), “o historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta de como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte e exclusão”. (PESAVENTO, 2003, p. 53).

A história cultural que ocupa-se com a pesquisa e representação de determinada cultura em dado período e lugar foi a renovação das correntes da história e dos campos da pesquisa, ou seja, a partir de agora a história passa a ser questionada, como por exemplo, nos textos, e com isso é feita toda uma análise do texto. Através dela podemos reconstruir uma representação do passado, entendendo os fatos no seu sentido real.

Zotesso (2011) faz uma abordagem sobre interpretação e compreensão da fonte fílmica. Antes de você ler um livro ou ver um filme é necessário que se tenha um conhecimento prévio do assunto. Isso facilitará o processo de análise e reconhecimento dos fatores relevantes que estão sendo retratados. “O conhecimento prévio enriquece o sistema de referências e facilita a compreensão do leitor desde a linguagem até o conhecimento de gêneros literários” (ZOTESSO, 2011, p. 78). Assim percebe-se que pela análise fílmica conseguimos observar fatores históricos presente no enredo do longa. Esse fato como outras observações serão realizadas no próximo capítulo.

2 ARTE E INOCÊNCIA EM TEMPOS DE CRISE

O objetivo deste capítulo é analisar as duas fontes fílmicas deste trabalho: *O Pianista* (2002) e *O Menino do Pijama Listrado* (2008) buscando compreender de que forma o nazismo é representado em ambos os filmes. É importante destacar que a análise será feita a partir do ponto de vista dos personagens que são duas crianças. Para isso utilizaremos principalmente a metodologia de análise propostas de Robert Rosenstone, no livro *A História nos filmes, os filmes na História* (2010).

2.1 *O Pianista* (2002) e *O Menino do Pijama Listrado* (2008): O Nazismo a Partir do Ponto de Vista de Uma Criança

O filme *O Menino do Pijama Listrado* baseia-se numa história verídica (fatos reais) ocorridos durante o regime nazista, usando esse filme ainda como uma maneira de explorar o holocausto.

O Menino do Pijama Listrado é um filme que foi lançado em 2008 na Alemanha sobre a direção de Mark Herman. O longa retrata os acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial em que Bruno, um garoto de oito anos e sua família, saem de Berlim para residir próximo a um campo de concentração onde seu pai acaba de se tornar comandante. Infeliz e sentindo-se sozinho ele vagueia perto de sua casa e certo dia encontra Shimuel, um menino judeu da mesma idade que a sua.

Os dois começam uma amizade, a qual dá início a um acontecimento interessante, onde os expectadores sentem a necessidade de compreender o que irá acontecer no decorrer do filme. Fazendo com que este seja sem dúvida o filme ideal a ser assistido e trabalhado na atual sociedade brasileira, a qual vem perdendo gradativamente seus valores, encontrando num caos profundo. O filme *O Menino do Pijama Listrado* tem início com a seguinte frase “A infância é medida por sons, aromas e visões”. (Jhon Betjeman) este por sua vez conta a história de duas crianças inocentes as quais não tinha noção do que vinha a ser o Holocausto.

O campo de Auchwitz, atualmente desativado tornou-se símbolo do Nazismo devido a quantidade de mortes efetuadas ali. De acordo com o site sobre o Holocausto (O campo de extermínio) estima-se que no complexo de Auchwitz, no sul da Polônia, na alta Silézia, foram exterminados entre 13 milhões a 15 milhões de pessoas, em câmeras de gás (ZOTESSO, 2011, p.30).

Ao mencionar sobre o campo de extermínio torna-se relevante uma cena do filme onde mostra a condecoração de um soldado alemão, sendo que muitas cenas marcam a história desse filme. Entretanto uma cena que me chama à atenção e quando o pai de Bruno que é um soldado recebe uma festa em sua homenagem, o qual está de uniforme contendo vários símbolos do Nazismo, lembrando que durante esse período muitos símbolos foram criados, como por exemplo, a suástica (símbolo do Nazismo). Os soldados por sua vez tinham que fazer uma espécie de juramento onde não podia contar nada do que faziam com as pessoas que eram de alguma forma contra a política nazista, como as torturas e perseguições por exemplo.

Considera-se interessante, pois nessa festa todos se divertiam más na realidade muitos não sabiam o real sentido daquela festa, afinal nem a própria esposa do soldado (comandante) sabia das torturas que seu esposo cometia nos campos de concentração, o que nos faz analisar a vida desses povos em meio a tantas perseguições através de filmes como estes.

Os filmes nos levam a repensar a historicidade da própria história, através da própria história, através da reflexão que eles impõem sobre as modalidades de narrativas, assim como a propósito da questão do tempo tanto quanto a propósito da relação entre realidade e representação, verdade e ficção na história (NOVOA, 1981, p. 100).

Quando personagem Bruno muda-se para próximo a um centro de concentração, seu quarto ficava de frente para esse local de extermínio tendo uma visão do que acontece, entretanto, ele pensa estar vendo uma fazenda, pois não tinha noção do que era um campo de concentração.

Alguns trechos do filme nos trazem reflexões importantes, como por exemplo, quando ele questiona com sua mãe sobre os moradores daquela fazenda ser muito estranhos, uma vez que todos usam as roupas iguais, isto é, todos usam pijama, questionando que tal fazenda não havia animais, nem pessoas alegres. Acredita-se portanto, que analisar um filme em diferentes contextos não é fácil, como aborda Rosenstone (2010).

O que podemos aprender assistindo a vários filmes dedicados a um único incidente ou tópico [...]. A minha noção de que é difícil avaliar um filme histórico a menos que você entenda o discurso mais amplo a partir do qual ele surge se tornou outro motivo para a escolha do Holocausto [...]. Alguns estudiosos e críticos acham que as imagens dramatizadas de Auchwitz, são tão banais, tão excessivamente usadas e tão normalizadoras de uma experiência que nunca poderia ser chamada de normal que só evitando imagens dos campos é possível retratar o Holocausto (ROSENSTONE,2010, p.93).

De acordo com o autor citado anteriormente o problema de representar o holocausto também pode ser visto como o problema central da história, questionando se seria possível representar o passado como ele era, ou se as vezes dá ênfase em alguns tópicos centrais deixando de analisar outros os quais teriam importância.

Os judeus não são bem vistos pelos nazistas, pois não são de pele clara e de sangue puro, não sendo considerados como seres humanos. Porém, no filme, um judeu que era médico passa a ser escravo trabalhando na casa do comandante e fazendo os serviços de casa. No entanto, mesmo sendo escravo, quando o personagem Bruno se machuca o escravo cuida dele de acordo com seu cuidado médico. Este é sem dúvida um ponto bem interessante em que um médico judeu, que passa a ser escravo, ajudando o filho de seu soldado nazista. Enfatizando que de todos que sofreram perseguição por Hitler, os judeus foram a maioria. De acordo com MOCELLIN (2002), “de uma forma geral, o filme traz consigo as marcas de seu tempo e, sendo assim a maioria dos filmes históricos reproduz a ideologia da classe dominante, bem como uma estética que visa agradar essa elite”. (MOCELLIN, 2002, p. 11).

A presença dos símbolos do nazismo são bem marcantes nos filmes, como por exemplo, as bandeiras que são penduradas e expostas nas praças, nos carros e até mesmo no quarto das crianças. Quando a família de Bruno se muda para o campo, ele e sua irmã passam a ter um professor particular, e a partir desse momento, o menino passa a ter um breve conhecimento sobre os judeus, pois até então, o mesmo só tinha conhecimento de histórias infantis de aventuras. Com a chegada do professor ele passa a estudar os fatos históricos.

Há uma cena do filme em que Bruno foge de casa e chega ao campo de concentração questionando como uma criança consegue andar sozinha sem ser vista por ninguém. Depois da primeira vez que ele fugiu de sua casa ele foi várias vezes até o campo de concentração, num período que era um momento bastante conturbado, de conflitos. De acordo com NÓVOA (2009), “se suas imagens não dizem grande coisa

sobre a realidade dos fatos, elas testemunham, entretanto, sobre a percepção que dela temos, o que queremos ou podemos lhe dar em um momento preciso, datado e localizado”. (NÓVOA, 2009, p. 102).

A amizade entre as duas crianças durante o holocausto no campo de extermínio é central para o enredo do filme ao refletir sobre o desfecho do mesmo. Será que Bruno se tornaria um nazista igual ao seu pai, acreditando que os judeus fossem inferiores aos nobres arianos?). O filme destaca os fatos reais do passado, não admitindo dúvidas sobre o que aconteceu durante o governo Hitler, sendo relevante uma análise crítica sobre o mesmo.

Se a análise pode ser distinta da crítica e se pode (e deve) servir de pressuposto a crítica, importa agora avançar para uma ainda que breve referência ao passado. A análise de filmes não é uma atividade recente, podemos dizer que terá nascido com as primeiras projeções de imagens em movimento aparente (PENAFRIA, 2009, p. 04).

De acordo com Nóvoa (2009), defende-se a ideia de que o cinema e o vídeo constituem-se assim como a escrita e a oralidade formas válidas e necessárias para se representar o passado, mas buscando ao mesmo tempo refletir sobre suas peculiaridades. O filme em seu enredo mostra que o discurso nazista divulgado pelos meios de propaganda orientou-se basicamente em torno de dois eixos sendo o revanchismo, como reação a humilhação imposta pelos inimigos e a volta do passado mediante o apelo para se recuperar a comunidade de origem, isto é, exterminaram os judeus e deixavam os chamados arianos.

A propaganda política entendida como fenômeno da sociedade e cultura de massas adquiriu enorme importância nas décadas de 1930 – 1940, quando ocorreu em âmbito mundial, um exemplo considerável dos meios de comunicação, que passaram a dispor de aparatos técnicos altamente sofisticados. Ela se vale de ideias e conceitos mais o transforma em imagens e símbolos. Para divulgar mensagens e imagens capazes de atrair as massas é necessário o controle dos meios de comunicação, instrumentos de persuasão destinados a encucar valores e crenças. Em qualquer regime a propaganda política é estratégica para o exercício do poder (D’ALESSIO e CAPELATO, 2004, p. 43-44).

O Menino do Pijama Listrado traz uma representação do nazismo a partir de uma narrativa ficcional que leva o público espectador a questionar o exercício do poder em qualquer regime político por meio da propaganda, observando-se seu poder de persuasão, bem como acontece na atual política brasileira.

A última cena do filme *O Menino do Pijama Listrado* mostra Bruno indo ao campo de concentração cavando um buraco por baixo da cerca e entrando no mesmo. Ele percebe que a realidade era pior do que ele imaginava. Bruno e Shimuel são levados para câmara de gás junto com os demais judeus. Eles pensavam estar indo tomar banho, mas na verdade estavam prestes a morrer, afinal as câmaras tinham chuveiros com produtos químicos que ao serem ligados provocava a morte. Quando os pais de Bruno percebem sua falta já não há mais tempo, pois ele já está morto dentro da câmara de gás.

Acredita-se que a partir de tal acontecimento o pai de Bruno aprenda uma grande lição, afinal quantas pessoas ele já havia mandado matar naquela mesma câmara e agora vendo seu filho morto, como aborda o Rosenstone (2010) “o filme quer mais ensinar a lição de que a história “dói “ele quer que você, o expectador vivencie a dor do passado” (ROSENSTONE, 2010, p. 16). Vale lembrar que este filme trata-se da adaptação do livro de John Boyne. É interessante do ponto de vista da guerra, uma vez que a grande maioria dos filmes enfatiza os soldados e a guerra em si.

O historiador deve saber interpretar o filme, pois fazer do cinema uma fonte histórica determina evidentemente avaliar a significação do filme, seu contexto histórico buscando fundamentar suas hipóteses de forma criativa e verdadeiras tornando-se um documento de análise. O filme é sem dúvida um documento histórico que pode ser observado ao analisarmos *O Pianista*. Seu título original, “The Pianist” foi lançado no ano de 2002 sob a direção de Roman Polanski e roteiro de Wladyslaw e Ronald Harwovd.

O filme relata a história de um pianista polonês Wladyslaw Szpelman que interpretava peças clássicas em uma rádio de Varsóvia quando as primeiras bombas caíram sobre a cidade no ano de 1939. Com a invasão alemã e o início da Segunda Guerra Mundial, começaram também a restrição aos judeus pelos nazistas os quais não podiam entrar em lanchonetes e vários espaços públicos. Estes por sua vez devem usar emblemas visíveis para mostrarem que são judeus, rotulando os mesmos.

O filme tem continuidade enviando todos os judeus para um bairro judeu onde não cabem todos, o que dá início a fome e a perseguição aos judeus. Em outras palavras o filme mostra o surgimento do Gueto de Varsóvia, que foi a maior gueto judaico estabelecido pela Alemanha Nazista na Polônia durante o holocausto, quando os alemães construíram muros para exterminar os judeus em algumas áreas até chegar a notícia que a cidade deveria ser limpa dos indesejáveis levando a captura e envio da família do pianista para os campos de concentração no ano de 1942.

O filme aqui não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mais sim como um produto, uma imagem – objeto, cujas as significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mais também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. [...] A crítica também não se limita ao filme, ela se entrega ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica necessariamente (NÓVOA, 2009, p. 32).

Os detalhes do roteiro de *O Pianista* acentuam as marcas do terror contra os judeus em cenas extremamente violentas, ao contrário de *O menino do Pijama Listrado*, que leva o espectador a imaginar como foram as cenas pois não as mostram detalhadamente.

Em uma das cenas do filme é retratado um grupo de judeus sendo obrigados por soldados alemães a dançarem cada vez mais rápido, em pares que vão de mulheres de aparência febris a homens paráliticos. É sem dúvida uma cena triste, sensível, sem ser apelativa, que choca pelo humor doentio com os quais os sádicos nazistas se alimentavam da desgraça de um povo marcado pelo medo e fome. Esse é sem dúvida um filme sofrido em cada cena, difícil de olhar por um lado histórico e não sentimental, analisando cada detalhe marcado pela guerra, representando a realidade do passado.

O filme histórico teve e tem um lugar de destaque na história do cinema. Numa simples olhada em um guia de vídeos, podem se ver centenas de filmes que tentam reconstituir, o melhor, procuram fazer uma leitura de fatos e personagens históricos [...] de uma forma geral, o filme traz consigo as marcas de seu tempo e, sendo assim, a maioria dos filmes históricos reproduz a ideologia da classe dominante, bem como uma estética conservadora, ou seja uma estética que visa agradar essa elite (MOCELLIN, 2002, p. 09 e 11).

O filme traz marcas do passado quando o pianista Wladyslaw Szpilman, é forçado a trabalhar como escravo para os alemães, mesmo tendo um talento como pianista de obras clássicas de grandes compositores.

Ainda sobre o filme, quando Szpilman passa a fazer trabalho escravo não se fazendo de passivo diante das destruições e tenta ajudar contrabandeando armas para dentro do Gueto começam a se organizar para lutarem contra os alemães. Pois percebe-se a necessidade de um povo que mesmo com medo lutam para conquistar seu espaço, porém no psicológico dessas pessoas elas não tem nada a perder, como mostra o mesmo quando em uma conversa um amigo diz ao pianista “Se eles entrarem pule pela janela”, pois ele estava se habituado, vivendo de migalhas, trancafiado em lugares destruídos pelos alemães, doentes e quase morrendo de desnutrição.

A análise fílmica não é um fim em si. É uma prática que procede de um pedido, o qual se situa num contexto institucional. Esse contexto, porém, é variável, e disso resultam evidentemente demandas também eminentemente variáveis. Hoje em dia, a análise fílmica é, por vezes, requisitada por instituições escolares e universitárias [...] a análise de filme geralmente dá lugar a uma produção escrita, mais pode também conduzir a uma produção audiovisual ou mista (VENOYE *etal.*, 1994, p. 09).

As cenas mais marcantes do filme referem-se a vida do personagem principal, o qual não possui habilidades para a luta armada, porém, este se configura ora como observador dos acontecimentos, ora como um fantasma que vive de esconderijo em esconderijo. De um contraste entre o seu delicado talento artístico e a brutalidade da guerra.

Segundo uma sinopse disponível no *Google* é possível descrever que a trama, isto é, a trajetória real do pianista se confunde com a do cineasta, este por sua vez é descendente de polônês e mudou-se como os pais para Varsóvia, onde no meio da guerra assistiu a morte da mãe e da irmã ficando com a imagem do extremismo marcadas na memória. “O que mais esperar de um filme histórico? Aparentemente, apenas se concentre-se em contar a verdade [...] a nossa tarefa é exatamente não deixar que o passado seja o passado, mais colocá-lo amostra para que ele seja usado”. (ROSESTONE, 2010, p. 51).

Os filmes tornaram-se chave fundamental para a compreensão do mundo, principalmente no que se refere a guerra e a perseguição aos judeus e, nesse sentido, Rosestone (2010) nos lembra que “certos filmes históricos são capazes de representar o passado de uma maneira significativa, embora ficcional [...] no caso dos filmes mostrar o passado como ele realmente era” (ROSESTONE, 2010, p. 191). Este filme não mostra claramente os campos de concentração, a vida dos judeus neste local, porém, mostra cenas do terror da guerra.

Considerava-se que os relatos pessoais as histórias de vida e as biografias não contribuiriam para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, muitas vezes distorcemos fatos e dificilmente seriam representativos de uma época ou de um grupo [...] uma autobiografia é e quer ser principalmente um relato de ações passadas do ponto de vista de uma pessoa. Mas ela também pode ser parte de uma ação e, por isso, “resíduo “. Tanto assim que alguns atores guardam provisoriamente suas autobiografias, por que recebem consequências políticas ou de outro tipo. Eles acreditam que seu texto contém um potencial de possibilidades de ação podendo, com isso, desencadear novas ações. As autobiografias querem instruir os leitores e impingir-lhes uma visão especial dos acontecimentos (FERRO, 2010, p. 163 e 168).

É notória a complexidade de atos de terror, violência e intimidações desenvolvidas durante a guerra. Ao analisar o filme *O Menino do Pijama Listrado* pode-se verificar que o mesmo é uma obra triste e comovente por se tratar de crianças, entretanto, não mostra cenas de violência, perseguições, mortes, extrema miséria, fome e desnutrição deixando que o espectador imagine como aconteceram as cenas. Já *O Pianista*, mostra cada detalhe, os gritos, o choro, o desespero, simplesmente fascinante do início ao fim.

Nesse período conturbado o qual se passa o desenrolar do filme se destaca a temida SS que foi uma organização paramilitar ligada ao partido nazista de Adolf Hitler, em que tinha como tema “minha honra chama-se lealdade”. Explica-se que inicialmente era uma pequena unidade paramilitar, porém, posteriormente agregou centenas de homens, conseguindo exercer grande influência política. A SS foi construída sobre a ideologia nazista e foi responsável por muitos dos crimes contra a humanidade durante a segunda Guerra Mundial foram causados pelos nazistas.

Nas últimas cenas o filme mostra que após a população sobrevivente ser deportada para fora das ruínas da cidade e da SS fugir do avanço do exército vermelho, Szpilman é deixado sozinho. Em prédios ainda erguidos, ele procura desesperadamente por comida. Enquanto ele tenta abrir uma lata de pickles, Szpilman é descoberto pelo capitão de Wehrmacht Wilm Hosenfeld. Interrogando Szpilman e descobrindo que ele é um pianista, Hosenfeld pede que ele toque algo no piano que ainda sobrevive no prédio. Szpilman, apenas uma sobra do grande pianista que ele fora, toca uma versão abreviada da balada em sol menor, de Frederic Chopin.

Hosenfeld deixa Szpilman continuar se escondendo no prédio dando a ele comida regularmente, salvando sua vida. Algumas semanas se passam e as forças alemãs devem sair de Varsóvia devido ao avanço do exército vermelho. Antes de ir embora, Hosenfeld pergunta a Szpilman seu nome e, ao ouvi-lo, diz que ele está apto para ser pianista (Szpilman sendo a versão polonesa do alemão Spielmann, que significa “homem que toca”). Ele promete ouvi-lo na rádio de Varsóvia. Ele dá a Szpilman seu casaco da Wehrmacht e vai embora. Mais tarde, esse casaco quase mata Szpilman quando tropas polonesas, libertando as ruínas de Varsóvia o confundem com um oficial alemão. Ele consegue convencer que ele era polonês.

O filme mostra um grupo de recém libertados prisioneiros de um campo de concentração em que passam por um grupo de prisioneiros alemães. Um machucado prisioneiro alemão, que era na verdade Hosenfeld, chama os ex-prisioneiros. Ele implora

para um deles, um violinista conhecido de Szpilman, para contactá-lo para que possam libertá-lo. Szpilman, que voltou a tocar na rádio de Varsóvia, vai à local tarde demais. Todos os prisioneiros haviam sido removidos sem deixar rastros. Na última cena, ele toca Grand Polonaise Brillante para uma grande plateia em Varsóvia. Antes dos créditos é mostrado que Szpilman continuou a viver em Varsóvia até sua morte em 2000 e que Hosenfeld morreu em 1952 em um campo de prisioneiros da KGB, porém foi postumamente honrado por salvar a vida de Szpilman.

Contudo percebe-se que as falas dos personagens principais condizem com os fatos referentes a Segunda Guerra Mundial no período do holocausto (perseguição e extermínio dos povos os quais não eram considerados raça Ariana-pura). Porém, não descreveu-se o diálogo dos personagens pois acreditava-se que as imagens eram suficientes para análise e compreensão dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução do trabalho percebi que os dois filmes de fato retratam o nazismo muito bem. Durante a análise dos filmes percebi que o filme *O Menino do Pijama Listrado* retrata o nazismo de uma forma mais superficial, ou seja, não há muitas cenas fortes só no final do filme que é uma das cenas mais marcantes do filme e que mostra de fato como o nazismo aconteceu.

Já o Filme *O Pianista* percebi que ele retrata o nazismo de uma forma bem mais trágica com cenas bem fortes, ou seja, ele consegue mostrar de fato para o espectador como foi toda a história do nazismo. Este filme mostra em várias cenas que os filmes citados anteriormente contribuem para realização de uma análise crítica com base na história e seus acontecimentos, pois contribuem para compreensão do processo histórico diante das guerras fazendo com que se entenda que, quem encontra-se no poder (judeus ou alemães) comanda de acordo com sua cultura. Tal afirmação pode ser melhor compreendida através de uma cena de *O pianista*, quando os alemães foram derrotados e estavam saindo da Polônia, estes foram presos e conseqüentemente exterminados.

Outra cena refere-se ao filme *O Menino do Pijama Listrado*, quando após tantos extermínios de judeus o pai de Bruno, que comanda e ordena os extermínios vê seu filho sendo morto da pior forma possível, como se não pertencesse a raça ariana, pura. Contudo, compreende-se que os filmes se fazem presente no processo histórico a fim de analisá-los e relacioná-los com o presente.

Esse filme enfatiza o racismo e mostra claramente que não existe várias raças e sim a raça humana, independente de nacionalidade, cor, religião e mesmo de posses, ou seja, rico ou pobre.

De acordo com Capelato e D'Alessio (2004), o racismo é visto como projeto totalitário, já que propõe a formação de uma sociedade organizada. Como mostra os filmes citados anteriormente o poder nazista não se contentou em governar apenas por meios externos, ou seja, através do Estado, o nazismo procurou eliminar a multiplicidade das vontades sociais por meio da violência física e da persuasão autoritária. Nesse sentido ninguém ousava discordar abertamente do regime.

Por meio desta pesquisa, pretendo aprofundar o tema, ao realizar uma pós-graduação e conseqüentemente um mestrado nessa área, buscando entender o modo de sobrevivência da atual sociedade em comparação ao modelo nazista, suas semelhanças e diferenças.

LISTA DE FONTES

Filmes:

O Menino do Pijama Listrado

Lançamento: Dezembro/2008

Duração: 1h34min

Direção: Mark Herman

Elenco: Amber Beattie, Asa Butterfield, Cara Horgan, David Heyman, David Thewlis, Gábor Szebényi, Iván Verebély, Jack Scanlon, Jim Norton, Richard Jonhson, Rupert Friend, Sheila Hancock, Vera Farmiga.

Gênero: Drama

Produção: David Heyman

Fotografia: Benoit Delhomme

Trilha Sonora: James Horner

Nacionalidade: EUA, Reino Unido

O Pianista

Ano de produção: 2002

Duração: 150min

Gênero: Drama, biografia e guerra

Direção: Roman Polanski

Roteiro: Ronald Harwood

Elenco: Adam Bauman, Adrien Brody, Andrew Tierman, Andrzej Blumenfeld, Andrzej Pieczynski, Andrzej Sznajch, Andrzej Walden, Andrzej Zielinski, Anthony Milner, Bem Harlan, Cesary Kozinski, Cyril Shaps, Daniel Caltagirone, Darian Wawer, Detlev von Wangenheim, Dmitri Leshchenko, Dorota Lilirntal, Ed, Stoppard, Emilia Fox, Emilio Fernandez, Frank Finlay, Frank-Michael Köbe, Grzegorz, Artman, Jaroslaw Kopaczewisk, Jerzy Góralczyk, Jessica Kate Meyer, Joachim Paul Assböck, Joanna Brodzik, Jonh Bennett, Jonh Keogh, Julia Rayner, Katarzyna

Países de Origem: Alemanha, França, Polônia, Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte.

REFERÊNCIAS

D’ALESSIO, Márcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto**. São Paulo: Atual, 2004.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo; Paz e terra, 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. “Entrevista concedida a Nicolau Sevcento para o jornal Folha de São Paulo”. In: SEVCENTO, Nicolau. **História e cinema um debate metodológico**. São Paulo; Ática, 1968.

KRISTIAM. Feigelson. **Um olhar sobre a história**. São Paulo: UNESP, 2009.

LAGNY, Michele. Cinematógrafo: **um olhar sobre a história**. UNESP – São Paulo, 2009

MOCELIM, Renato. **O cinema e o ensino de história**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

NOVOA Cristiane. “A história dos desafios imagéticos”. In. **Projeto história**; Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Educ, 1981.

PENSAMENTO, Sandra Jataly. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “**Nazismo triunfal: cinema e propaganda política na Alemanha de Hitler (1927 – 1945)**”. São Paulo. Texto apresentado no 8º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, 2012.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

VANOYE. Francis; GOLOT-LATE, Anne. **Ensaio sobre análise filmitica**. São Paulo: Papyrus, 1994. (Coleção de Arte e Forma).

VAZ, Edem Faria. **Banalidade do mal: Colapsos Morias no 3 Reich**. Goiânia: UFG, 2011. Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Dissertação de Mestrado).

ZOTESSO, Lígia Ribeiro de Sousa. **A recepção de “O Menino de Pijama Listrado por leitores adultos da biblioteca Municipal de Maringá-PR**. Maringá; Universidade Estadual de Maringá, 2011. (Dissertação de Mestrado-Programa de Pós-Graduação em letras mestrado, Universidade Estadual de Maringá centro de Ciências Humanas e Letras e Artes).